



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MAISA SAVACINSKI

**A DEVOÇÃO E A RELIGIOSIDADE ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA
POPULAR NO CASO DOROTHÉA MENEGON FARINA**

ERECHIM

2017

MAISA SAVACINSKI

**A DEVOÇÃO E A RELIGIOSIDADE ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA
POPULAR NO CASO DOROTHÉA MENEGON FARINA**

**Trabalho de conclusão de curso de
graduação apresentado como requisito
para obtenção de grau de Licenciatura
em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul – Campus Erechim.**

O

orientador: Dr. Mairon Escorsi Valério

ERECHIM

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Savacinski, Maisa

A DEVOÇÃO E A RELIGIOSIDADE POPULAR ATRVÉS DE UMA
PERSPECTIVA POPULAR NO CASO DE DOROTHÉA MENEGON FARINA/
Maisa Savacinski. -- 2017.

38 f.:il.

Orientador: Mairon Escorsi Valério.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Erechim, RS , 2017.

1. Conservadorismo Religioso. 2. A Disputa pelo
Sagrado. 3. Entendendo a Religião e o Processo de
Coptação do Fenômeno pela Igreja. I. Valério, Mairon
Escorsi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

Maisa Savacinski

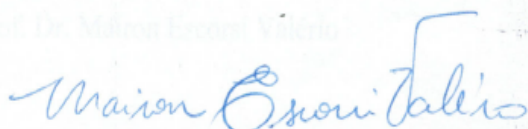
A devoção e a religiosidade através de uma perspectiva popular no caso Dorothea Menegon Farina

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Mairon Escorsi Valerio

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: *13 dezembro 2017*

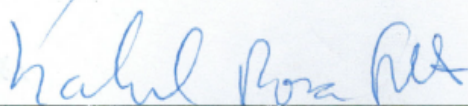
Banca examinadora:



(presidente) Prof. Mairon Escorsi Valerio



Membro 1: Prof. Paulo José Sá Bittencourt



Membro 2: Prof. Isabel Rosa Gritti

Dedico este trabalho de conclusão a minha família, que, apesar de tantas barreiras, sempre me incentivaram e não mediram esforços para que eu vencesse esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Deixo expresso nessas linhas a minha profunda gratidão as pessoas que foram essenciais em minha vida, e se resumem em familiares, amigos, colegas e grandes mestres que cruzei a minha caminhada terrena e que de alguma forma contribuíram para minha formação, tanto pessoal como profissional. Agradeço, todos os mestres bases na minha formação, ao meu orientador Dr. Mairon Escorsi Valério, que me auxiliou com extrema dedicação e paciência na construção desse trabalho, um grande exemplo profissional. Agradeço a todos que estiveram ao meu lado, e que contribuíram de alguma maneira para esse trabalho, pela torcida, pelo incentivo, pelas discussões e críticas construtivas, por dividirem comigo alegrias e em especial meu agradecimento em poder compartilhar as minhas dúvidas e confusões com todos vocês. Gratidão!!

RESUMO

Pretendemos neste trabalho, discutir a disputa do poder e apropriação do catolicismo em relação a religiosidade popular no município de Erechim, no período de 1944, ano em que Dorothea Menegon Farina relata ter visões de Nossa Senhora, momento em que a Igreja levanta muitos questionamentos a respeito da figura de Dorothea e a extrema e instantânea devoção do povo para com esse acontecimento. Tem-se a intenção de analisar o que levou a história a se perpetuar até os dias atuais, inclusive com a construção de um Santuário, que acabou sobrevivendo mesmo com manifestações contrárias da Igreja Católica. O estudo desse momento histórico local, permite conhecer as relações de poder entre a religião e seus seguidores, suas relações de enfrentamento no campo religioso o que levou a uma disputa pela “verdade” do imaginário coletivo em relação a fé.

Palavras chave: Catolicismo. Fé. Religiosidade.

ABSTRACT

In this work we intend to discuss the power struggle between Catholicism and popular religiosity in the municipality of Erechim, in the period of 1944, the year Dorothea Menegon Farina reports having visions with Our Lady of the Rosary, triggering the Church to raise many questions regarding the figure of Dorothea and the extreme and instant devotion of the people to this event. We intend to analyze what has led the history to perpetuate to the present day, including the construction of a Sanctuary, which ended up surviving even with opposing manifestations of the Catholic Church. The study of this local historical moment allows us to understand the power relations between religion and its followers, their confrontational relations in the religious field which leads to a dispute for the "truth" of the collective imaginary in relation to faith.

Keywords: Catholicism. Faith. Religiosity.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Conservadorismo Religioso.....	11
2.1 A religiosidade em Erechim.....	11
2.2 Acontecimentos na vida de Dorothea Menegon Farina.....	12
3. A Disputa pelo Sagrado.....	16
4. Entendendo a Religião e o Processo de Cooptação do Fenômeno pela Igreja.....	25
5. Conclusão.....	31
6. Referências Bibliográficas.....	33
Anexos.....	35

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco a análise da vida de Dorothéa Menegon Farina e os fenômenos da aparição de Nossa Senhora da Santa Cruz no interior do município de Erechim (RS). O intuito é esmiuçar a relação de dominação e opressão que a Igreja Católica impunha à religiosidade popular, a partir das diretrizes institucionais contidas no processo de romanização vivido pela Igreja desde o século XIX.

Erechim surgiu à margem da estrada de ferro que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo. Inicialmente chamada de Paiol Grande, sucessivamente de Boa Vista, Boa Vista de Erechim, José Bonifácio e no ano de 1918, através do Decreto nº 2343, de 30 de abril, que deixou de ser Distrito de Passo Fundo se tornando município, e finalmente Erechim.

A colonização de Erechim foi ocorrendo de forma lenta e participativa. Assim também ocorreu com a Igreja católica, que foi adquirindo formas e raízes. Com o passar dos dias logo se deu a primeira construção da Igreja, essa construída por leigos, e caracterizada pela força e fé de devoções populares. Mesmo com a influência preponderante exercida pela Igreja católica, a sociedade não deixou “beber” somente de uma fonte e assim as tradições afrodescendentes, caboclas, indígenas, protestantes e místico-religiosas se enraizaram na cidade de Erechim, criando assim uma diversidade religiosa.

Sem conhecimento do local da aparição e com um convite da minha amiga Carla Pecoits para irmos pegar água da fonte (que essa mesma acredita ser milagrosa), ela me relatou que no dia seguinte, dia 14 de setembro, aconteceria a celebração de uma romaria no interior do município de Erechim, nesse mesmo lugar para onde ela estava se deslocando, e acabou me fazendo um breve relato sobre as origens da romaria. De acordo com Carla, uma senhora que morava no interior do município de Erechim na década de 40 começou ter visões de Nossa Senhora. Essa Senhora a mesma apresentou estigmas no corpo, recebeu o milagre da cura de um câncer de forma repentina e uma cruz desenhada no chão do seu quintal. Ela prosseguiu relatando que esta cruz no quintal representava uma confirmação de uma “suposta” aparição de Nossa Senhora, e em suas aparições Nossa Senhora pedia penitência.

A ida até o local despertou ainda mais meu lado historiadora e uma série de perguntas começou a surgir. Quando isso aconteceu? Como aconteceu? Quem foram os

personagens históricos deste evento? De que modo isso se estabeleceu como uma prática religiosa que ainda permanece? Qual a relação dos acontecimentos com a própria Igreja Católica? A partir daquele dia passei a ter uma temática interessante para realizar uma pesquisa histórica a fim de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso.

Trata-se de uma devoção marcante, consolidada e enraizada culturalmente e socialmente na religiosidade popular e no campo religioso católico erechinense. Daí sua relevância como um objeto de estudo do historiador preocupado em compreender os fenômenos religiosos presentes na sociedade. Pretendia observar todo este complexo momento que influenciou profundamente a vivência popular da fé católica na região a ponto de anualmente, no dia 14 de setembro, realizar-se uma romaria com milhares e milhares de romeiros, que testemunham sua fé e dão ação de graças.

Para tanto, o trabalho se divide em três capítulos. No primeiro capítulo, realiza-se um histórico dos acontecimentos acerca da vida de Dorothea; no segundo capítulo, adentra-se no universo da representação da imagem de Dorothea. Através de leituras dos jornais, observa-se o conflito entre a Igreja católica e o catolicismo devocional popular, tendo em vista que existiu amplo debate em jornais e na sociedade regional; no terceiro capítulo, destaco o processo de apropriação e uma tentativa de aproximação da Igreja com a religiosidade popular espontânea, e tento explicar as razões desse processo.

2. CONSERVADORISMO RELIGIOSO

2.1 A religiosidade em Erechim

A região denominada Alto Uruguai foi durante séculos habitada por indígenas, por caboclos e descendentes de bandeirantes paulistas que buscavam prata na região. E com a Revolução Industrial de 1850, a região se torna um refúgio para fugitivos e foragidos. Além disso, a ferrovia que iria ligar o Rio Grande do Sul a São Paulo, passaria na região do Alto Uruguai ligando o município de Passo Fundo a Marcelino Ramos, último ponto do RS às margens do Rio Uruguai. É ao longo desta estrada de ferro que se formarão os núcleos de colonização. (CHIAPARINI, 2012, p. 57 apud Ribeiro, 2015, p. 10).

Com forte presença de imigrantes de origem polonesa, alemã e italiana, o povoado da colônia Erechim formou-se no início de 1908, que até então era marcada pela presença de caboclos e indígenas. A diversidade de grupos formadores da sociedade erechinense tem uma infinidade de elementos culturais que não pode ser esquecida. Especialmente em termos religiosos, a formação populacional pluralizada e múltipla na cidade de Erechim acabou por constituir um campo religioso complexo e rico que contempla várias tradições religiosas.

Tinha imigrantes que debandavam direto da Europa para cá. Outros provinham das Colonias Velhas. Guaporé, Vale Veneto, Ivorá, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Novo Treviso, Garibaldi, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, são alguns dos principais recantos donde partiram nossos italianos, E vinham com tudo. Traziam Filhos, os esparsos bens, a religiosidade e os sonhos. Embalados pela mesma sorte, fluíram também os poloneses[...] Quase simultaneamente entraram os alemães. Todos afã de colonizadores. Um pouco depois pintaram suecos, austriacos, espanhóis, franceses, portugueses, tchecos, búlgaros e não sei mais quanta gente. (BENINCA, 1996, p. 19).

Desde muito cedo, com a presença dos imigrantes, a Igreja Católica acabou sendo um elemento agregador. Seria a conexão direta com o imigrante, o que conforme suas doutrinas manteria a ordem na colônia de Erechim. O padre era um intermediador da moral e dos bons costumes da Igreja Católica Romana. Os imigrantes recém chegados e sujeitos a muitas dificuldades, longe de seus familiares das colônias velhas e da Europa, logo ficariam desamparados, e a Igreja não poderia permitir que os fiéis da Santa Sé permanecessem ao relento, “sem Deus”. A Igreja Católica seria o elo para com a vida espiritual dos recém chegados e nas comunidades que estavam se estabelecendo. Até 1910 a região pertencia à única Diocese do Rio Grande do Sul, a Diocese de Porto

Alegre. Em 1910 passou à Diocese de Santa Maria, e, em 1951, à Diocese de Passo Fundo.

E desde o início do século e em processo de colonização temos matizes de cunho religioso na cidade de Erechim. CASSOL (1979), nos registra algumas instituições religiosas:

A Igreja Episcopal do Brasil, chega Vila Paiol Grande em 1916, através do Sr. Mucio Mendes de Castro, dentista e funcionário público, que inicia com sua família o trabalho episcopal, atendido pela paróquia de Santa Maria. Em 1923 chega o primeiro pároco, Reverendo Albert Blank e em 1929 funda a Escola Paroquial “Barão do Rio Branco”.

[...] A Igreja Evangélica Luterana possuía membros na colônia, já em 1913, mas sua primeira comunidade foi organizada em 1916, sendo atendidos pelo pastor Elsasser. Em 1920 os luteranos construíram seu primeiro templo.

[...] A presença das Testemunhas de Jeová em Erechim, remonta ao ano de 1935, pelo Sr. Broneslau Konka. As reuniões ocorriam nas residências dos fiéis. Teve sua primeira sede própria, o “Salão do Reino” em 1966.

[...] A Igreja Evangélica Assembleia de Deus iniciou suas atividades em Erechim em 1946, com a realização do primeiro culto na residência do casal Meri Fosch do Amaral, na presença de alguns espectadores. (CASSOL, 1979: p. 171-191).

2.2 Acontecimentos na vida de Dorothea Menegon Farina

Filha de imigrantes italianos, Dorothea nasceu no dia 13 de junho de 1911, no interior do município de Veranópolis, no Estado do Rio Grande do Sul, filha de Santa Lago Menegon e de Olivo Menegon. O casal mantinha o sustento da família através da agricultura e, a família era muito devota ao catolicismo. Dorothea teve uma infância tranquila ao lado dos seus pais e seus irmãos.

Dorothea Menegon casou-se com Artilano Farina e passou a se chamar Dorothea Menegon Farina. O casal passou a residir na propriedade de Artilano, que se situa ao norte do estado do Rio Grande do Sul na Comunidade de Lageado Paca, distrito de Erechim, zona rural, e viveram como pequenos agricultores no local onde se encontra hoje o Santuário de Nossa Senhora da Santa Cruz. Dessa união foram gerados cinco filhos, Romildo, Jurema, Geraldo, Elói e José.

Dona de casa, esposa, mãe, catequista e agricultora, Dorothea Menegon Farina conciliava essas tarefas e levava uma vida normal até o ano de 1938, período em que foi diagnosticada com uma doença que a deveria levar Farina à morte.

Em entrevista sua filha, Jurema, (A vida de Dorothea Farina”. As visões de Dorothea Farina: Religiosidade ou Milagre Edição 2006) relata:

No ano de 1938 então, Dorothea começou a sentir dores estranhas no estomago, como se tivesse engolido uma espiga de trigo e consultou o Dr. Caleffi, médico da cidade de Erechim que lhe informou que se tratava de uma espinha interna e receitaram-lhe algumas injeções. Entretanto, a dor aumentava e ela tinha a sensação, segundo relatos de sua filha Jurema, que “uma bolinha lhe tapara o canal digestivo” (FARINA, 2006).

Nesse mesmo tempo, Dorothea seguia quase sem forças, mas buscava na fé a motivação para seguir na luta pela saúde. Assim, iniciou uma infinidade de novenas pedindo pela cura e que pudesse cuidar dos seus filhos. Em meados de 1943, “...minha mãe ficou internada no Hospital durante uns seis meses, aproximadamente; e durante uns sessenta dias ficou sem comer e sem beber nada e também sem evacuar coisa alguma” (FARINA, 2006).

Enquanto isso na Europa; em agosto de 1939, a Alemanha assinou um pacto secreto de não agressão com a União Soviética. Stalin e Hitler decidiram ocupar a Polônia e dividi-la em duas potências. Pouco tempo depois, no dia primeiro de setembro de 1939, tropas alemãs, sem prévia declaração de guerra, invadiram pelo oeste o território polonês, dias depois sendo seguidas pelas tropas russas no lado leste. Após os ataques nazistas à Polônia, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. Era o início da Segunda Guerra Mundial.

Segundo a medicina tradicional Dorothea havia entrado em um coma profundo, casos comuns em que o paciente tem consciência de tudo o que está acontecendo ao seu redor, porém não reage perante a situação que se apresenta. Os médicos chegaram a indicar sua morte inevitável. No entanto para espanto de todas as pessoas próximas e presentes, relata-se a seguinte trajetória: Agonizante, Dorothea teria ficado neste estado por vinte e quatro horas. Levantou então, por três vezes o crucifixo que mantinha em sua mão e quando todos pensavam que seriam seus últimos suspiros, Dorothea começou a falar: “Fiquem quietos meus filhos que eu continuarei a cuidar de vocês todos”. E, todos os presentes assustados e admirados começaram a perguntar “Tu me conheces?”, ao que ela prontamente respondia dizendo o nome de um a um, sem errar nenhum. Para completar, começaram a rezar todos e ela se pôs sentada na cama, sem a ajuda de ninguém. Pediu roupa para vestir-se e comida e água para beber. Relata ainda sua filha Jurema que, “desde então, minha mãe gozou de saúde perfeita”. Era o dia 17 de dezembro de 1943 (FARINA, 2006)

A cura da vidente foi o primeiro milagre identificado pelos devotos. No dia seguinte de todo ocorrido, no dia 18 de dezembro teria se formado uma cruz (como se fosse uma cicatriz) no peito de Dorothea e por este motivo ficou conhecida como “a mulher da cruz”. “Media dezesseis centímetros de comprimento (base da cruz, vertical) por onze centímetros de largura (braço da cruz, horizontal) e um centímetro de espessura, identificada por uma região (desenho) cor de sangue que ficou bem evidente na pele de Dorothea” (FARINA, 2006).

O jornal *Correio do Povo* narrou os acontecimentos da seguinte forma:

Fazia três anos que a sra Doroteia Menegon Farina, casada com Artibano Farina, mãe de quatro filhos, se achava doente. Por toda parte andou e nada de melhoras. Afinal, os médicos, Drs. Fiorelo Zanin e Angelo Calleffi, de Erechim a deram por perdida, porquanto o “raio X” denunciava que tinha no estomago um câncer em estado adiantado. Daí, só a morte. Nos últimos três meses, d. Doroteia esteve de cama, sem alimento algum, sofrendo fome e principalmente sede por não poder engolir. (...) vendo a família que a morte não podia demorar, pois d. Doroteia entrara em agonia, mandou chamar o

padre Lino de Erechim, para lhe administrar os últimos sacramentos. Afinal, pareceu ao padre que expirara, pois este deu os pésames ao dono da casa e lastimou a sorte dos órfãos. (...) Em meio aos preparativos do velório todos ficaram sobressaltados. A doente que fazia tanto tempo falava com dificuldade, de repente começou a falar claramente. Pôs-se a vomitar uma substância esponjosa, com fibras de carne e nervos, que era o câncer! (Jornal Correio do Povo, 11 de fevereiro de 1945).

Entretanto, estima-se que foram seis anos de tratamentos e consultas médicas sempre em busca da melhora de sua saúde.

As aparições de Nossa Senhora iniciaram para Dorothea no ano de 1944, e foram presenciadas somente por ela. Segundo suas anotações a punho a última aparição se deu em 11 de fevereiro de 1958.

Foi a partir do dia 25 de fevereiro de 1944 que a vida de uma mulher simples e do campo ganhou audiência, saindo da monotonia de uma vida comum. Dorothea relatou que ao lavar roupa no tanque perto de sua casa, percebeu faixas luminosas com relâmpagos e escutou: “Minha filha, foi tua grande fé que te curou e te salvou da morte”. Esta olhou a sua volta sem nenhuma presença física por perto, e ainda escutando a mensagem:

Penitência, penitência pelos pecadores. Dize ao meu povo de pouca fé que no peito tu trazes a sombra do Deus crucificado, e que não há salvação sem confissão. A parte feminina tem 30% que fazem comunhões sacrílegas. Se meu povo não se converter, grandes castigos hão de vir. O homem de hoje está esquecido de meu Filho. Não pensa que Ele morreu na Cruz pelos pecados. Quantas mulheres, que comungam sacrilegamente, só pensam na vida terrena e não cumprem com os deveres do matrimônio. Não pensam nos milhares de crimes que cometem. Propaga a reunião das crianças. Não temas os falsos profetas que te perseguem. Vai, e revela isso a todos (MARTINOWSKI, 2006, p. 11).

A segunda aparição de Nossa Senhora ocorreu em 04 de março do mesmo ano, e a terceira aparição em 07 de abril de 1944. Da quarta à sexta aparição não se tem relatos escritos. Da sétima até a última aparição, um missionário conhecido como Irmão Pedro Luís acompanhou o caso, afirmando que os pedidos sempre se repetiam, pedindo penitência, jejum e muita oração. Nove dias depois da primeira aparição Dorothea disse ouvir novamente a mensagem, e foi a partir dessa data que no quintal de sua casa uma parte do gramado ganhou uma nova forma. Uma cruz começou a se desenhar no chão, medindo 2,20 metros (braço maior) por 1,40 metros (braço menor). A cruz se tornou o símbolo e registro das aparições, e Nossa Senhora se denominou a partir desse momento de Nossa Senhora da Santa Cruz.

Como forma de comprovação dos fatos, Dorothea pediu a Nossa Senhora uma prova de sua aparição, então de acordo com anotações em diário de Dorothea, teria surgido uma cruz grande, no pátio de sua casa, num local

em que havia grama. De um dia para outro, apareceu a cruz no local, nunca mais cresceu grama. A grama verde que lá estava antes do acontecido se esfarelava ao mínimo toque deixando como uma farinha esbranquiçada (FARINA, 2006).

Este fato causou muitas controvérsias e ao mesmo tempo atraiu devotos que se reuniam em torno da cruz para rezar, fazer pedidos e agradecer. Nas primeiras ocasiões era visitado por familiares e vizinhos mais próximos, mas com o passar do tempo o lugar passaria a ser visitado por multidões de pessoas, alguns se deslocando de cidades distantes, o que acabou por chamar a atenção da Igreja na época.

Foi no local da cruz em 14 de setembro de 1944 que Dorothea pela primeira vez pode ver, e não somente escutar, Nossa Senhora, e a partir deste dia as aparições começaram a acontecer no dia 06 de janeiro, 11 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, 03 de maio e 14 de setembro, sendo que a partir desta última data acontece até os dias atuais a romaria em homenagem à Nossa Senhora da Santa Cruz.

No dia 14 de setembro a Igreja comemora a Festa da Exaltação de Santa Cruz, festa que tem o intuito de celebrar a cruz como instrumento de salvação, símbolo da vitória de Jesus sobre o pecado e fonte de santidade. Coincidência ou não, nunca saberemos o que esse fenômeno significa de fato. Segundo Dorothea, Nossa Senhora deixou muitas mensagens, sendo o foco principal, a penitência, a oração do terço e a conversão dos pecadores.

Dorothea Menegon Farina faleceu vítima do câncer em 29 de maio de 1988. Relata ainda sua filha Jurema que Dorothea permaneceu no hospital, onde fez vários tratamentos para o câncer, tendo sido operada. Nessa ocasião Dorothea teria dito: “A minha hora chegou, eu vou morrer no último dia de maio” (FARINA, 2006). A construção da igreja no local iniciou-se após a morte da vidente, e foi edificada no local que Nossa Senhora indicou.

Os fenômenos religiosos estão em processo de profunda mutação e seu estudo tem permanecido confinado a religião, que está diretamente ligada à fé, onde a humanidade busca refúgio e um “argumento” para explicar tudo aquilo que ela não compreende, mexendo com questões individuais de pertencimento e de organização social.

O contexto social religioso da época e a grande repercussão da vidência de Dorothea causaram grande alvoroço popular, assunto discutido até hoje, sendo a mesma considerada santa pelos fiéis.

3. DISPUTA PELO SAGRADO

Realmente, ela, Dorothea Farina, a até então apagada colona que labuta na terra é a pessoa mais discutida em Erechim. Discutida e combatida. Ela tem defesa e acusação. Colonos e populares são a defesa. A Igreja Católica e os médicos a acusação.¹

Tratando-se de relações sociais da população brasileira, a transição de um período colonialista para um período de emancipação deixou marcas, principalmente em termos de evolução econômica. Saindo da experiência agrária e adentrando na experiência de produção industrial, o século XX foi o palco de muitas novas. Foi um século de muita invenção e algumas memórias, surgindo então a Industrialização, Aviação, Automobilística, Primeira Guerra Mundial, Crise de 29, Comunismo, Fascismo, Segunda Guerra Mundial, Nazismo, Bomba Atômica, Guerra Fria, Ditadura, Híppies, Queda do Muro de Berlim, etc.

Analisando a trajetória da vida de Dorotéia, os acontecimentos de sua vida se chocam com momentos delicados que o mundo estava vivenciando, a primeira aparição se deu em 1944, momento de instabilidade social, pois estava-se vivenciando a Segunda Guerra Mundial. Findada a Segunda Guerra Mundial, as duas forças políticas e econômicas vencedoras, dividiram o mundo entre si. EUA e URSS traçaram um caminho de disputa ideológica e política que ficou mais conhecido como Guerra Fria. Nessa guerra, não ocorreram choques diretos entre as grandes potências. Mas entre suas ideias, sim. Capitalismo e Socialismo disputavam o mundo. Diante de todo o ocorrido criou-se a ONU, Organização das Nações Unidas, com o objetivo de unir todas as nações e promover a paz mundial.

A presença do catolicismo no Brasil iniciou em abril de 1500, com a chegada dos portugueses. Segundo COSTA (2001):

A sua estruturação definitiva e oficial se deu pela bula Super Specula Militantis Ecclesiae, de 25 de fevereiro de 1551, quando o papa Júlio III criou o bispado de São Salvador da Bahia, deixando o território brasileiro de fazer parte da jurisdição Episcopal do Funchal. O continente americano, especificamente o Brasil, nosso interesse direto de pesquisa, representou para a Igreja católica uma esperança e forma de compensar os problemas na Europa com a reforma religiosa protestante. (COSTA, 2001, p. 71).

No período da implantação da colonização portuguesa acontecia o Concílio de Trento (1545-1563), mais conhecido como “Contra-Reforma”, por ser uma reação da Igreja Católica a Reforma Protestante.

¹ Revista O Mundo Ilustrado, 22 de maio de 1957.

No período colonial (1500-1822) e no período imperial (1822-1889), Igreja e Estado estiveram unidos. O enfraquecimento da influência da religião católica no Brasil começou, ainda no século XIX e acabou por ser mais afetado quando ocorreu a proclamação da República e a nova constituição em 1891, que determinou a separação entre ambos. A proposta de um estado republicano liberal durante o século XX acabou por enfraquecer ainda mais a influência da Igreja católica.

Na Era Vargas (1930-1945), a Igreja Católica teve uma reaproximação significativa e positiva junto ao Estado Brasileiro. No Brasil, com o fim do governo Getúlio Vargas, iniciou-se o processo de redemocratização que duraria até 1964. Vale lembrar que ambos, o Estado Novo regido por Getúlio Vargas e a Igreja Católica, tinham interesses mútuos, e ao formarem uma aliança usaram seus poderes para se legitimar junto ao país.

O período foi de modernização acelerada na sociedade brasileira. Com urbanismo crescente e a industrialização se expandindo, esses fatores acabam se refletindo em conflitos sociais latentes. A Igreja Católica tem certa posição de influência junto ao estado brasileiro durante o Governo Vargas, estabelecendo-se vínculos mais fortes entre ambos. Ela se tornou cada vez mais incisiva, e nesse período colocou-se na disputa pelo controle do imaginário social, projetando-se em uma aliança de hegemonia nacional. Segundo Arthur Isaia, a Igreja Católica:

[...] obteve uma margem de vantagens nunca vista em relação aos oponentes da supremacia católica. Tanto os inimigos comuns entre Estado e Igreja (comunistas, socialistas, liberais e todos os que se opunham ao autoritarismo getulista, principalmente após 1937) quanto os restritos ao combate católico (protestantismo, espiritismo kardecista e umbanda), eram combatidos do lugar privilegiado desfrutado pelo catolicismo junto ao poder". (ISAIA, 1998, p. 15, apud Ribeiro, 2015, p. 2).

Nos anos de 1946 a 1964 o país passou por um período populista. A nova constituição de 1946 e a ruptura de regimes totalitários na Europa acabaram por gerar mudanças referentes a alguns valores já pré-estabelecidos no Brasil e no mundo, trazendo uma maior liberalidade. A partir da Proclamação da República, o Estado laicizado se separou definitivamente da Igreja e passou a ser neutro, fato esse que gerou maior liberdade religiosa no país. Na Igreja, por exemplo, isso se refletiu na presença de leigos no apostolado, criando um clima de liberdade que se mesclou com as transformações econômicas e a crescente urbanização do país, abrindo espaço para a concorrência religiosa. A Igreja Católica acabou por disputar o terreno religioso com o

Espiritismo, com o Protestantismo e os cultos afro-brasileiros entre as camadas populares. A união de Estado e Igreja na Era Vargas possibilitava uma maior segurança ao temor que a Igreja tinha em relação à propagação de outras religiões e do comunismo ateu.

A Igreja, neste período, estava voltada para a Evangelização de diferentes setores da sociedade, entre eles o operário, o agrário, o estudantil, o universitário, e passou a criar Movimentos da Ação Especializada: JEC (Juventude Estudantil Católica), JOC (Juventude Operaria Católica) etc. Com a experiência do povo leigo na coordenação, e na tentativa de um não isolamento, a Igreja optou por centralizar o poder, que até então encontrava-se dividido pelas dioceses (Unidade territorial administrada por um bispo) espalhadas pelo país. Começa assim a funcionar em 1952 a Conferência Nacional dos Bispados do Brasil (CNBB), com sede no Rio de Janeiro. No contexto brasileiro observa-se que a ruptura da Igreja com o Estado fez com que a Igreja Católica enfrentasse situações que se agravavam, e, dominada por um sentimento de vazio de liderança e pela falta de representação perante a sociedade, a instituição religiosa se vê fragilizada para tentar se manter no modelo romano.

O rompimento entre a Igreja e o Estado partiu da iniciativa do próprio governo, em uma carta dirigida a D. Macedo Costa, líder do episcopado da época. De imediato, o episcopado se opôs, à separação e à liberdade de cultos, recebendo esse rompimento como uma afronta, pois estaria sendo colocada em igualdade com outras confissões religiosas. O Estado exige instantaneamente a obrigatoriedade do registro civil e o casamento civil, ensino laico nas escolas públicas e a proibição de subvenções governamentais para com os cultos religiosos, entre outras exigências.

Segundo Laura de Mello e Souza (1987), a Coroa portuguesa, com seus propósitos econômicos na religião da colônia brasileira, acabou ditando uma evangelização impulsionada por raízes do Estado e não pela salvação das almas. Isto teria condicionado o surgimento de formas populares e sincréticas de religião, que foram, por sua vez, perseguidas pela Igreja, mediante o Tribunal do Santo Ofício, verdadeiras incursões tenebrosas que provocavam lágrimas e temores, e tentavam eliminar a irreligiosidade alegre do povo.

Um dos fatores preocupantes para a Igreja Católica não eram as perdas das regalias que sua união com o Estado lhe proporcionava. O grande problema com a ruptura era perder a dominação das grandes massas de fiéis, postas às claras com a separação entre Estado e Igreja. Perante o ocorrido, era fundamental que a Igreja se

reestruturasse internamente na tentativa de se reestabelecer como unidade, e tentando uma união com as massas populares, pois a Igreja era decisiva para os valores dominantes em suas respectivas épocas, expressos no calendário, a partir do qual a ordem sagrada ditava os tempos e dias de trabalhar, de festejar, de louvar, de plantar de colher etc.

Uma das consequências dessa reforma foi a postura que a Igreja passa a adotar perante as práticas do catolicismo popular ou brasileiro, e na tentativa de seu reflorescimento ela acabou por banir e combater qualquer prática religiosa que não tivesse seu consentimento. E para manter o domínio sobre a formação das mentalidades e das representações, o clero fez do aparelho eclesiástico um aparelho de hegemonia.

Um aparelho de hegemonia na medida em que veicula representações, isto é, na medida em que as ideias e práticas simbólicas que ele produz ou sistematiza são transmitidas e incorporadas à consciência e à prática dos atores sociais. Veiculando representações religiosas, o aparelho religioso age sobre a consciência, a vontade, os sentimentos dos indivíduos e grupos, de modo a guiar seus comportamentos. Por isso ele é um aparelho de hegemonia: exerce uma direção intelectual e moral sobre grupos sociais, atuando pela convicção e pela adesão da vontade, e não pela força ou pela repressão física (OLIVEIRA, 1985, p. 38).

Com todos esses ocorridos, a Igreja partiu para uma reflexão ainda maior sobre a situação da fé do povo, porque aos olhos da Igreja a dominação pela fé estava à sua mercê. O povo se identifica como católico, recebe os sacramentos, mas não conhece a doutrina religiosa da Igreja.

Além da cura da enfermidade de Dorothea, a cruz desenhada em seu corpo, as aparições de Nossa Senhora e a cruz que se formou no pátio de sua casa, a devota foi acometida por estigmas em seu corpo na época de quaresma. Na ocasião, o Jornal *A Voz da Serra* publicou a matéria sobre alguns dos acontecimentos com o título “A virgem Maria apareceu duas vezes em Erechim e, no dia seguinte, amanheceu desenhada na grama uma cruz”. *A Voz da Serra* ouviu o doutor Zanin:

(...) A VOZ DA SERRA, procurou apurar o que existe de verdadeiro sobre o fato, e como uma das pessoas mais autorizadas a falar sobre o mesmo seriam os médicos (...) Entramos no assunto, e a primeira pergunta que fizemos, nos foi logo dizendo: Não se trata de absolutamente de milagre, pois D. Doroteia Farina esteve a meus cuidados profissionais durante algum tempo. E pelas observações e testes clínico a que a submeti, e pela sua história clínica, aliás criteriosamente analisados, cheguei à conclusão que é a mesma, uma dessas doentes que se queixam de tudo, e que de tudo sentem, e que pouco podem orientar o médico com diagnóstico seguro. (Jornal A Voz da Serra, 17 de fevereiro de 1945, p. 13).

Mesmo se tratando de Dorothéa, uma católica praticante e devota de Santo Antônio e de Nossa Senhora da Salette, que atuava como catequista na comunidade e foi uma das introdutoras da visita da capelinha domiciliar, observa-se fortemente a resistência que partia das autoridades da época, mesmo partilhando de fatos vinculados à vida, de Igreja, como uma cruz no quintal e uma possível cura acreditando no invisível. Fica claro que inicialmente a igreja questionou os fatos, contando com total apoio dos médicos.

(...) Mas Dr. Ponderamos, dizem por ai que o Sr. viu a tal bola gelatinosa que D. Doroteia Farina diz expelido pela boca?

Sim, respondeu-nos o Dr Zanin, vi a tal coisa, pois o marido de D. Doroteia Farina me veio mostrar, alias a pedido do padre Benjamin, que não quis autenticar o pretense milagre sem ter minha opinião, foi por isso que vi a tal coisa, que me pareceu ser restos do interior de moelas de galinha e alguns tecidos musculosos que não consegui identificar a procedência. Alvitrei então o marido de D. Doroteia que enviássemos aquilo ao laboratório para o esclarecedor exame. E foi feito isso, perguntamos? Não, diz o dr Zanin, não foi feito o exame, pois o sr. Artibano Farina após a questão do preço que o laboratório poderia cobrar alegando a falta de dinheiro, ficou de voltar e não mais apareceu. Sei que o nosso vigário por esse motivo não ligou nenhuma importância ao acontecido, e por isso não autenticou o milagre.

E a Cruz que D, Doroteia propalou que trazia estampada no peito, e que também dizem que o sr, viu, perguntamos? Qual cruz qual nada ela veio aqui me mostrar o peito dizendo que tinha lhe aparecido uma cruz por obra de Nossa Senhora, eu a examinei e até recriminei a sua atitude, pois os tais sinais de Nossa Senhora nada mais eram que grosseiros arranhões praticados com as unhas, sinais estes bem visíveis, excluindo por completo qualquer dúvida. (...) (Jornal A Voz da Serra, 17 de fevereiro de 1945, p.13).

Neste mesmo ano 1945 o Jornal *Correio Riograndense* publica: “Aparições á Bessa”: por Miles Christi juntamente com “Recentes advertências do Sumo Pontífice Pio XII”.

Ao dizer de certos jornalistas, estamos vivendo no mundo das Aparições fáceis e baratas, de seres ultramundanos a simpatizar com os pobres mortais. Será que os Santos estão cansados de parar no céu?

Os tais jornalistas não pretendem prestigiar a Religião; muito pelo contrário, é só para zombar dela. Haja visto quando fala o Santo Padre o Papa, ou na realização de um Congresso Católico, como por exemplo, aquele de São Paulo, eles não piam; ou, quando muito, dão um resuminho raquítico, 1/4 de coluna, em 5 páginas; mas ao saber de alguma apariçãozinha na serra, voam em busca de entrevistas, que sabem transformar em gostosas palhaçadas de carnaval. Para muita gente a vida é um carnaval contínuo... (...)

Como temos o dever sagrado de defender a Pátria, assim temos o dever sagrado de defender a religião quando é ultrajada.

Quem não vê, que, prestando fé em todas as aparições que correm na rua, (é de Nossa Senhora da árvore, de Nossa Senhora do toco, de Nossa Senhora do gramado, de João e Maria (...))

É crime ajudar os outros a ridiculizar a nossa Santa Religião!

Observa-se então, a tentativa de dominação que a Igreja faz em relação às matérias divulgadas pela imprensa em relação a fenômenos religiosos da época.

E para maiores evidências, fica claro na forma em que o pároco de Erechim, o Cônego Gregório Comasseto, se pronuncia em relação ao ocorrido, lembrando da sua influência na época como o líder espiritual para muitos devotos e fiéis.

Logo que se iniciaram os fenômenos, há treze anos, a Igreja tratou da realização de provas e experiências que pudessem atestar o seu fundamento ou falsidade. Evidentemente, não poderia aceitar e nem recusar os fatos sem agir dessa maneira. O pe. J. Gramer, de P. Fundo, mandou carpir o terreno no local da cruz. Desmanchou completamente a aparição. Revolveu a terra e recolheu amostras. Plantou trigo. Pretendia assim verificar se a estranha aparição não fora forjada por mãos bem humanas. Deixou alguns católicos de guarda, a fim de constatar se não iriam pôr ali alguma substância capaz de tornar o terreno estéril. Entretanto, o milagre repetiu-se. O trigo semeado dentro do perímetro da cruz morreu, enquanto o restante cresceu viçoso. Nunca se soube o resultado do exame realizado em uma amostra de terra enviada para São Paulo. Até hoje continua existindo o sinal que os colonos dizem divino (Jornal A Hora, 27 de abril de 1957).

Nota-se que no ano de 1945, quando o laudo médico demonstrou que Dorothea era uma farsante, a Igreja começou a colocar em prática seus estudos de qualificação para chegar a resultados, pois o padre era denominado um condutor espiritual para as famílias católicas do município, e assim, deveria “defendê-los” de figuras inapropriadas que levariam à desvirtuação de sua fé, sendo esse, um modo de assegurar a confiança dos seus devotos, e também dos descrentes de suas doutrinas. Durante esse tempo de treze anos a Igreja assumiu essa postura.

Em *O Mundo Ilustrado*, em 22 de maio de 1957 também se comenta sobre a destruição da cruz:

A reportagem foi informada de que a cruz já foi destruída pelos padres, que revolveram a terra, semeando o trigo. Mas no meio do trigo, segundo dizem os moradores locais, ela surgiu novamente. Diz o vigário de Aratiba que a cruz é falsa e que um pouco de soda derretida na água é suficiente para provocar a morte da grama. Entretanto, afirmam os romeiros que nenhum exame honesto foi feito na terra, enquanto os romeiros, como a senhora Vitoria Bernardi, afirmaram “podem sequestrar D. Dorothea, mas a cruz que nasceu milagrosamente ninguém a leva e em torno dela havemos de orar”. (Revista O Mundo Ilustrado, 22 de maio de 1957).

O jornal *Voz da Serra*, em abril de 1956, traz na reportagem uma pincelada de quem é a autoridade no momento:

(...) Dona Dorothea reside no município de Erechim, porém neste ano a pedido das autoridades eclesiais, transportou incógnita para Supopema, onde reside um seu irmão, a fim de evitar curiosidade pública. Mas foi em vão, porque foi localizada, e a afluência popular foi enorme, de todos os municípios vizinhos. (...)

Contam os devotos que Dorothea nunca se importou com a destruição da cruz, com calúnias vindas da imprensa e nem com suas saídas forçadas para não aglomerar devotos e curiosos em sua residência.

Dorothea, como seguia as orientações de Nossa Senhora não se importava com os fatos, pois, a mesma dizia, “tu hás de sofrer muito”. Assim Dorothea aceitava passar pelo processo de dor e sofrimento que advinha do divino. Nota-se que a história introduzida para as massas é a de um Jesus que passava pelo sofrimento para chegar à santidade, e, acima de tudo, aceitação, e assim seguia Dorothea firme em “carregar” a sua cruz.

Sendo assim, aceitava a reprovação, acusação e as exigências advindas da Igreja. *O Mundo Ilustrado* relata:

(...) é tal a obediência do casal Farina ao Conego Comassetto que o chefe da família não protesta quando o Conego acha por bem esconder sua esposa do público, como fez no último 3 de maio, recolhendo-a ao Hospital Sta Terezinha, onde foi retida até depois da hora – 15:30 horas- hora em que deveria ter as visões. (Revista O Mundo Ilustrado, 22 de maio de 1957).

A *Revista Cruzeiro* traz também uma passagem apresentando a forma vil como as autoridades religiosas e os médicos tratavam Dorothea, e novamente ocorreu outro incidente que teria acontecido nas suas internações e saídas forçadas:

Há quatro anos atrás, injetou-lhe um médico trinta centímetros de éter no músculo, durante o seu estado de rigidez. A estigmatizada permaneceu em transe e só quando tornou a si é que procurou tratamento. O Dr. Pecoits Junior, proprietário da Casa de Saúde de Aratiba, tratou-a, sendo necessária a extirpação de grande quantidade de tecido necrosado no omoplata, até o osso. O tratamento à base de injeção de éter no músculo – explicou o médico – é dos mais primitivos. Um centímetro apenas, provoca dor insuportável capaz de tirar qualquer pessoa da crise de histerismo. (Revista O Cruzeiro, 18 de abril de 1959).

A tentativa da Igreja em manter Dorothea afastada de sua casa, justificando assim atendimento médico, era uma tentativa de não incentivar o povo fazer a romaria, pois era algo que já provocava grande aglomeração, fugindo do controle da Igreja.

Na edição de 22 de maio de 1957, a revista *O Mundo Ilustrado* deixa transparecer o posicionamento do clero perante à figura de Dorothea Menegon Farina com uma circular produzida pela diocese a respeito das aparições em Lajeado Paca:

Como é do conhecimento público, na pequena localidade de Lajeado Paca, na divisa das paróquias de Erechim e Barra do Rio Azul, a sra. Dorothea Farina, apresentando nas mãos e nos pés, feridas semelhantes à estigmas, alega ter visões de Nossa Senhora e conseguiu convencer algumas pessoas crédulas a construírem uma igreja a NOSSA SENHORA DE SANTA CRUZ. Após objetivo e desapassionado exame das pretensas aparições e fenômenos – exame este constituído de análise em laboratório do sangue que a sra Dorothea tinha nas mãos e de observações cuidadosas por sacerdotes e médicos capazes, prudentes, e especialmente por nós nomeados, - chegamos à conclusão de que nada absolutamente há de sobrenatural no caso.

Lamentado que leigos curiosos e superficiais de nossa Diocese e mesmo sacerdotes e religiosos de outras Dioceses afluem a Lajeado Paca, manifestamos formalmente nossa desaprovação por tal movimento, que contrasta com a ortodoxia da Fé e da Moral Católica, favorecendo um ambiente de exibicionismo, superstição e, Deus não permita, de comércio. Ante os manifestos inconvenientes de tal movimento, resolvemos reprová-lo, proibindo ao Revdo. Clero e aos piedosos fiéis de favorecê-lo de qualquer maneira, seja com o exemplo ou com a palavra. Os sacerdotes religiosos que, avisados, não obedeceram às presentes determinações, serão passíveis de penas eclesiais em Nossa Diocese. À sra. Dorothea Farina proibimos expressamente que se preste a receber pessoas ou grupos de pessoas estranhas, que a ela vão a título de curiosidade, superstição ou falsa piedade. Os leigos, compreendida a própria sra. Dorothea Farina, que não obedeceram as presentes determinações, serão privados dos Santos Sacramentos. Pela observância das determinações acima, correlacionadas com o caso de Lajeado Paca, responsabilizamos o Rvdo. Cônego Gregório Comassetto, Pároco de Erechim e Arcediago de Nós e Cabido Diocesano, recomendando-lhe a mais severa vigilância. Passo Fundo, aos 13 de outubro de 1956. Cláudio Colling, Bispo de Passo Fundo. P.S. – Seja a presente circular lida e explicada aos fiéis da Matriz, no primeiro domingo após o recebimento, bem como em todas as Capelas em que o Revdo. Pároco ou Vigário o julgar necessário. Mons. Paulo Chiaramonte, Secretário Geral do Bispado.

A postura tomada pela igreja de privar as pessoas que frequentassem o lugar do sacramento indica uma ação que desqualifica os fenômenos ocorridos. Permitir que Dorothea (e não apenas o clero) fosse considerada uma mediadora entre a vontade de Deus e a humanidade era, portanto, o que a Igreja não poderia deixar acontecer. Aceitar que ela ouvia os conselhos diretamente de Nossa Senhora seria admitir a existência de outro caminho para a salvação que não o da Igreja Institucional (FORTI, 1999, p. 49).

Assim, Dorothea passou a ser encarada como uma *persona non grata* pela Igreja Católica. Ela se tornava uma ameaça para o clero.

Mesmo sofrendo com a repressão da Igreja, seu caráter mítico foi reforçado.

É importante lembrarmos rapidamente as relações íntimas existentes entre o Mito em si, como forma original do espírito, e o Tempo, pois além das funções específicas que cumpre nas sociedades arcaicas, e sobre as quais não há necessidade de nos atermos aqui, o mito é importante também pelas revelações que nos fornece sobre a estrutura do Tempo. Como se admite hoje, um mito narra os acontecimentos que se sucederam in principio, ou seja, 'no começo', em um instante primordial e atemporal, num lapso de tempo sagrado. Esse tempo mítico ou sagrado é qualitativamente diferente do tempo profano, da contínua e irreversível duração na qual está inserida nossa existência cotidiana e dessacralizada. Ao narrar um mito, reatualizamos de certa forma o tempo sagrado no qual se sucederam os acontecimentos de que falamos. (...) Em suma, supõe-se que o mito aconteça em um tempo – se nos permitem a expressão – intemporal, em um instante sem duração” (ELIADE, 2002: p. 53-54).

A religião está voltada à manutenção da ordem segundo os interesses dos grupos dominantes. Com poucas mudanças, o discurso religioso carece de um teor de

libertação, pois as Igrejas, de modo geral, estão comprometidas com a manutenção social dentro de um discurso que as entrelaça nas transformações sociais.

Dentro de uma mesma religião, afora oposições mais grosseiras, como o 'erudito' e o 'popular'(...) existe, aberta e em expansão, a viabilidade de subconstrução comunitária ou pessoal de formas próprias de adesão e partilha de crenças e cultos; o que não traduz apenas a possibilidade presente de se ser da TFP, da Renovação Carismática ou de uma Comunidade Eclesial de Base, quando se é católico, mas também a escolha de se ser um cristão de tendência católica sem vínculos com a Igreja (o que setores mais ortodoxos da própria Igreja Católica negam), um católico espiritualista e orientador de sua própria identidade e de suas crenças, um católico também de candomblé, um católico socialista de vinculação francamente política com a fé, a religião e a igreja, um católico ortodoxo tradicionalista e quantas mais direções e vocações haja. (BRANDÃO, 2013: p. 11-20)

O contexto social religioso da época, e a repercussão da vidência de Dorothea causaram grande alvoroço popular, e assim se criou uma grande tensão social; de um lado, religiosos e médicos, estes denominados autoridades pelo clero; em contrapartida, os fiéis que acreditam em suas aparições. Assim, deve-se questionar a motivação pela qual uma população, que, na maioria se reconhece como católica, acredita e tem a sua fé movida em prol de acontecimentos que fogem da compreensão científica. Fica claro a tentativa de dominação e instauração de um monopólio de significado religioso sendo criado pela igreja.

4. ENTENDENDO A RELIGIÃO E O PROCESSO DE COOPTAÇÃO DO FENÔMENO PELA IGREJA

Os fenômenos religiosos foram e continuam sendo algo intrínseco a todo ser humano. Existe uma necessidade de acreditar em algo, de pedir ajuda para com determinada situação, gerando assim um sentimento e uma procura universal.

O processo conhecido como romanização é caracterizado por Silva como uma retomada das determinações do Concílio de Trento (1545-1553), que, de maneira geral, visava sacralizar os locais de culto, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados. (Silva, 2001: p. 60).

A introdução da religião católica no Brasil se deu de forma fluida por parte do sistema eclesiástico. As demonstrações místicas e supersticiosas se desenvolveram de forma livre, até a metade do século XIX, quando a Igreja começou os procedimentos de romanização, pois até o século XVIII só os jesuítas trabalhavam no Brasil, fator esse essencial para o caráter leigo da religiosidade católica brasileira.

Observa-se que existe grande permanência de saberes populares absorvidos nos fundamentos da Igreja Católica. Vemos que o mesmo acontece no movimento da Renovação Carismática Católica na década de 1970, momento que se iniciou no Brasil, causando modificações na Igreja, em especial na falta de articulação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), e também na segregação das demonstrações populares, conceituadas como práticas supersticiosas e incriminadas como demonização.

Nas conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), que aconteceram na América Latina, emergiu um novo paradigma religioso de caráter progressista que tinha por objetivo se ajustar às demandas socioeconômicas do continente, conhecido como teologia da libertação, e tinha como caráter a conscientização e a politização da população carente que se organizavam através das CEBs, ocorrendo uma grande aceitação da igreja para as novas práticas. Ao contrário da RCC (Renovação Carismática Católica), que não recebe resistências políticas para sua implementação, esse viés da Igreja Latino-Americana é bastante combatido pelas ditaduras militares.

Nota-se que a RCC proporcionou à Igreja a viabilidade de recuperação de fiéis “perdidos” para os movimentos pentecostais e, aos poucos, o movimento se organizou e ganhou no interior das igrejas sua genuinidade. Em compensação, disponibilizou os meios para o leigo que sente necessidade de participar ativamente dos rituais, o que é

realizado nas igrejas “renovadas” por meio de músicas e orações, além de proporcionar sentido à atividade religiosa, conferindo ao leigo a missão de evangelizar e também permitindo a adaptação da Igreja à realidade contemporânea.

A Ação Católica no Brasil nasceu com a mesma ideologia de Pio XI, que desejava uma união de forças católicas organizadas para a afirmação de seu discurso e difusão de uma defesa nos princípios católicos na vida social, familiar e individual, mas distinta de política partidária, pois a Igreja não se estabelece como ação política e sim, religiosa.

Na cidade de Erechim, a entidade leiga criada em 1935 por Pio XI, denominada como A Ação Católica, foi instituída nos mesmos moldes da Ação Católica na Itália, que se encontrava sob a doutrina Católica Apostólica Romana e defensora de seus valores. A doutrina da salvação e a ética do dever de estado não teriam maior sentido se não fossem incorporados às práticas católicas, mesmo ambas sendo separadas. A doutrina da salvação passa a ser regida pelo poder eclesiástico que está diretamente vinculado às massas de fiéis, os padres, religiosos e religiosas. Quando o misticismo se insere no pensamento de um grupo social, fica claro nessa pesquisa como a fé tem o poder de mobilização de massa e é capaz de reunir pessoas em devoção a uma suposta aparição de Nossa Senhora, sendo imprescindível para compreender a conjuntura religiosa de um determinado aglomerado populacional.

Mergulhar no universo das religiosidades² sempre é um desafio para os historiadores. Esse desafio é ainda maior quando esta religiosidade está intimamente ligada ao catolicismo popular brasileiro e nos faz refletir sobre movimentos religiosos e suas crenças, na religiosidade popular e sua simbologia³. Nesse sentido,

A variedade de elementos simbólicos empregados no culto aos santos, elementos estes que extrapolam largamente o código da liturgia oficial da Igreja [...] não trazem em si mesmos uma ruptura com o código simbólico católico, embora nem sempre sejam bem vistos pelas autoridades eclesiásticas. São, muitas vezes, gestos discrepantes dos gestos da liturgia oficial, mas não gestos divergentes ou antagônicos a ela. [...] Suas diferenças em relação aos gestos e orações da liturgia oficial devem ser atribuídas às diferenças de classe social e de culturas, e não interpretados como formas não-católicas de culto ao santo. Tanto assim que o povo sente-se perfeitamente dentro da Igreja Católica, sem atribuir ao culto aos santos

2 ... a ideia de uma religiosidade popular nos lembra que as religiões envolvem questões de legitimidade e estão marcadas por disputas, configurando campo de tensões entre seus membros ou fiéis, questões que devem ser incorporadas à análise, isso significa não apenas reproduzi-las, num deslizamento ingênuo por sobre as categorias nativas, mas tomá-las como um dos problemas a serem explicitados e explicados. (MENEZES, 2003, p. 2).

3 [...] o fundamento mágico essencial da salvação é o sacrifício de “morte-renascimento”, o sacrifício-do-deus-que-morre-para-ressuscitar. Os símbolos do deus de salvação, por si sós, são suficientemente eloquentes: [...] Jesus é também o Cordeiro pascal, cujo sacrifício, segundo a lei mosaica, consagra a “passagem” (MORIN, 1997, p. 203).

uma conotação de contestação religiosa. Não se trata, pois, de um culto paralelo ao culto oficial, e muito menos, de um culto contestador, antagônico ou substitutivo do culto oficial; trata-se, sim, de um culto onde a liberdade expressiva dos devotos não fica limitada ao código da liturgia oficial, assumindo por isso os traços próprios à cultura de cada grupo ou classe social. (OLIVEIRA, 1983: p. 918-919).

Quando pensamos em religiosidade, logo essa expressão ganha um atributo que chamamos de popular, tendo seu sentido atrelado aos espaços sociais que estão inseridos seus agentes, estes podendo criar diversas manifestações ligadas ao sagrado, com suas práticas de cura, festas de ruas, devoções populares e, por oposição, do que a Igreja se refere ao oficial. Ao nos referirmos à definição de religião, ao contrário, entendemos que não se trata especificamente do que denominamos popular, mas sim de hierarquia eclesiástica com prescrição e dogmas de uma instituição. Então frequentemente é estabelecido a bipolaridade antagônica: “religião-religiosidade.”

Outro elemento que temos que levar em consideração, é a questão da amplitude do conceito de santo⁴ na religiosidade popular, pois ela ultrapassa a esfera canônica, o que facilitou a aceitação da figura de Dorothéa Farina no imaginário dos fiéis. DURKHEIM, ao abordar as religiões primitivas e suas práticas, corrobora essa ideia de amplitude e versatilidade:

Ao pesquisar as religiões primitivas e suas práticas, Durkheim nos ajuda na compreensão da versatilidade do homem religioso e sua forma de relacionar-se com o sagrado. Ao entrarmos em contato ao longo desta pesquisa com diversas manifestações de devotos que procuram seus milagreiros para buscar amparo, deparamo-nos com uma infinidade de práticas e gestos que são profundamente aceitos entre os devotos e que são destituídos de exclusões rituais. Cada um se liga ao seu milagreiro sem a preocupação de estar rompendo normas ou construindo desafetos. Há uma permissão ritual sem constrangimentos. Não há discriminação entre os devotos da forma particular de cada um pedir ou agradecer. Todos são cúmplices na sua fé. Todos cumprem o papel de ser verdadeiro em sua devoção. Sendo assim, segundo Durkheim, não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana (DURKHEIM, 2003, p. VII).

Assim, a religião consegue formalizar e socializar as experiências de fé de cada grupo. As tradições religiosas transmitidas como cultura “buscam primeiro o reconhecimento do sagrado como sobrenaturalmente eficaz e passam depois a adotar os valores implícitos nesse sagrado, a fé autêntica leva a aceitar valores humanos e a

4 A concepção popular de santo é muito mais abrangente, pois inclui, além dos santos canonizados pela Igreja, todas as denominações locais e titulares de Maria Santíssima, de Jesus, bem como os santos locais e familiares. Uma criança assassinada com requintes de crueldade, uma pessoa morta tragicamente, ou um leproso que morre sem se queixar da vida, todos esses passam à categoria de ‘santos’[...] (OLIVEIRA, 1975, p. 4).

reconhecer depois seu sentido sagrado, absoluto.” (Aragão, 2013, p. 11). Contudo, não existe uma fé única, “um sistema de significações e valores, que não engendre outro sistema, ideológico ou mais ou menos científico, para construir relações sociais de acordo com esses valores.” (ARAGÃO, 2013, p. 17).

Ao pensarmos no campo da religião, devemos ter em mente que este é definido, como uma relação interior com a realidade transcendente a partir de uma experiência com o sagrado vivida interiormente, ou seja, a religião se estrutura dentro das múltiplas dimensões pessoais que compõem o espaço da coletividade.

Na expressão das práticas populares devocionais, observa-se que muitas vezes existe uma busca do indivíduo por si só. Essas práticas possibilitam uma grande reciprocidade entre o que se busca e o buscador, entre o santo e o devoto, por exemplo, em que a presença física ou não física do primeiro torna suportável a existência física do segundo, renovando sua fé, sacralizando sua própria vida. Isso faz com que o cotidiano do devoto tenha novas esperanças, através de curas, graças alcançadas, orientações recebidas, o que acaba reforçando a sua fé independente de sua doutrina religiosa. Em contrapartida, no culto religioso católico, há participação do fiel, mas a sua ligação com a prática religiosa acaba por ser mais controlada, conduzida, sem que haja tanto espaço para a individualidade, para a espontaneidade. Na maioria das vezes a religião é recebida nos primeiros meses de vida através do batismo, e orientada ao longo da vida através das práticas e ritos. Por isso, muitas vezes o que se percebe na vida adulta é um acomodar-se ao pouco que é exigido para a prática religiosa, sem que haja um verdadeiro sentido de religiosidade/espiritualidade.

As romarias e devoções se originaram a partir das visões de Dorothea, ganhando cada vez maior número de fiéis todo o ano, quando o espaço na casa de Dorothea ganhava uma agregação social, onde também acontecem novas reflexões religiosas. Por parte do devoto, é estabelecido um pacto de confiança junto ao lugar sagrado, onde lhe é confiada questões as vezes graves: “O Sr. Estevão Capelesso, vindo do distrito de Itatiba a 52 km. Trouxe em sua companhia sua filha Noranci Capelesso, de 18 anos, que estava inválida e hoje se encontra completamente curada”⁵. Ainda na mesma reportagem, “um homem, uma mulher e uma criança. Gente simples e crente. Vieram de Lagoa Vermelha, a pé, para agradecer a “santa cruz”, o milagre feito há anos”⁶.

5 Revista O Mundo Ilustrado. 22 de maio de 1957.

6 Idem.

Observa-se que demonstrações de sofrimento físico acabam por se externalizar como retribuição da graça alcançada, mesmo a devoção se tratando de algo do imaginário católico. A Igreja a fim de defender sua postura romanizada apenas tem por verdadeiro as práticas sob sua orientação.

Na busca por monopolizar o divino, a Igreja tem a consciência de que quanto mais atividades forem realizadas sob suas orientações, maior é o controle sobre o processo de autenticação das coisas tidas como próprias do sagrado. E quanto maior forem os encontros populares sem as práticas institucionais, por não terem o consentimento da Igreja, mais os mesmos são rotulados como profanos. O retorno do devoto aos espaços devocionais muitas vezes se dá perante as graças alcançadas, o que cria um sentimento de motivação, da qual se estabelece por sua vez um elo de relação anual, que podemos identificar como responsabilidade assumida perante o espaço e a figura de Dorothea Farina. Há também que considerar os devotos ou curiosos que vão sem maiores intenções nas práticas de devoção.

Historicamente vale ressaltar que o cenário social no período que a Igreja tentou combater os fenômenos ocorridos com Dorothea, foi o ano em que o espiritismo foi fundado em Erechim.

As Comunidades Espiritas, Caminho da Luz e Irmão Rubem Siqueira foram fundadas em Erechim respectivamente em 1942 e 1951 e estavam em pleno crescimento atraindo algumas pessoas de destaque na sociedade local como o Sr. José Maria de Amorim, pioneiro, tabelião, político, membro da maçonaria local. Neste que foi o ano do Centenário do Espiritismo, a Ação Católica e outros católicos influentes em Erechim seguiram a onda deflagrada com o lançamento do selo comemorativo e que motivou as lideranças católicas a promover um embate doutrinário, denunciando os “enganos” do Espiritismo. Este embate entre Católicos e Espiritas ocupou as páginas do Jornal A Voz da Serra, periódico de grande circulação na região do Alto Uruguai e também em Porto Alegre, Santa Maria e Caçador (SC).⁷

Nota-se então que esses fatos acabam por colocar a Igreja Católica em estado de alerta, pois além do espiritismo estar se integrando junto à sociedade Erechinense, há uma estigmatizada que foge da compreensão religiosa em meio a transe e visões, o que leva a Igreja a um estado de apreensão, pois ficava assim abalada a soberania da Instituição Católica e o respeito e acato incondicional às suas práticas e doutrinas. Criase assim instabilidade no cenário religioso no Município de Erechim. Na década de 1940 a estigmatizada começou a ter as visões com Nossa Senhora. Já na década de 1950

⁷Cruzada Católica Contra o Espiritismo em Erechim – 1957 André Fabricio Ribeiro p. 28

começou-se a dar ênfase no caso, e esse tem grande repercussão na imprensa, gerando um clima de insegurança religiosa.

As aparições dos santos, em especial Nossa Senhora, são recorrentes na tradição católica. Essas aparições possuem um sentido positivo, o que deixa claro que mesmo não possuindo o aval da Igreja, aos poucos o espaço da casa de Dorothéa deixou de ser apenas um espaço geográfico para as romarias, mas também assumiu um poder de cura. Os devotos frequentemente levam punhados de terra da cruz que Nossa Senhora desenhou no quintal da casa de Dorothéa. E assim os devotos a usam como sagrada, tornando-se ela mesma a fonte dos milagres.

Em vida, a vidente nunca pode participar de uma missa oficial, pois a primeira missa só foi celebrada no dia 25 de fevereiro de 1994, quando completaram-se 50 anos das aparições de Nossa Senhora. E, no mesmo ano, no dia 14 de setembro, foi celebrada a sétima romaria com a missa celebrada pelo padre Luís Walker, pároco da catedral, e concelebrada por diversos sacerdotes, sendo que a primeira romaria se deu no dia 14 de setembro de 1988, ano de morte da vidente com celebração e caminhada coordenadas pelos leigos.

5. CONCLUSÃO

O que se buscou neste trabalho foi uma análise histórica de aproximar o espaço de experiência dos fiéis em torno da santidade de Dorothéa para assim melhor compreendermos o período, a trama de relações criada pela religião e suas transformações no campo religioso.

A partir da análise das reportagens publicadas nos jornais regionais foi possível observar a construção argumentativa que possibilitou e incentivou de alguma forma a celebração de culto dos fiéis a figura de Dorothéa Menegon Farina, desenvolvendo assim uma prática cada vez mais forte e ao ampliar os conhecimentos sobre a religiosidade popular, a fé, a crença, o misticismo, e as demonstrações de seguidores que, mesmo não tendo presenciado os fatos na respectiva época, todos os anos se deslocam para a comunidade de Lajeado Paca para pedir e agradecer graças, manifestação essa que cativa cada ano mais e mais devotos

A grande preocupação para o clero referia-se aos católicos que tentavam fundir em suas práticas religiosas algo que não fosse o catolicismo oficial. O fiel que estava vinculado a qualquer prática religiosa que não fosse ditada pela Igreja não era reconhecido um cristão, levando em consideração que não era uma tarefa fácil para a Igreja, pois a cultura religiosa brasileira está profundamente ligada à miscigenação de culturas indígenas e afrodescendentes.

Notamos que no período analisado a Igreja e os médicos desempenhavam o papel de autoridades, pois ambos tinham total liberdade para produzir discursos e legitimar a sua autoridade perante a fé e a ciência, é evidente que não denegriam apenas a estigmatizada, e, sim empreendiam uma desmoralização com a família da mesma, pois seria impossível a estigmatizada se preparar para o ritual de se ferir ou de fazer qualquer preparativo com a terra do quintal sem sua família presenciar os fatos. Em suma os devotos de Dorothéa não assumiam uma luta contra a ortodoxia católica, tratava-se de um período em que o catolicismo oficial defendia seu monopólio de bens de salvação e não poderia permitir que Dorothéa tivesse contato direto com o divino, pois assim estariam a mercê de sua legitimidade, pois trata-se de poder, de monopolização de espaços e influência política e econômica.

Pode-se observar que a Igreja Católica sempre esteve ancorada pela influência de organizações hierárquicas, institucionais e acima de tudo disciplinares. E em todo o

processo ocorrido pelas décadas analisadas era fundamental a Igreja ter sob seus domínios a compreensão e interpretação da religião, o que acaba por “padronizar” e se apropriar da fé para evitar maiores desentendimentos nas devoções que não fossem de cunho dogmáticas e institucionalizadas, por acreditar que é seu dever zelar pela fé cristã e conduzir os fiéis para uma vida ética e moral, ainda que passando por cima dos valores que está se dispondo a preservar.

6.REFERENCIA BIBLIOTECNOGRÁFICA

A HORAA. Porto Alegre, 25 abr. 1957.

_____. Porto Alegre, 26 abr. 1957.

ARAGÃO, Gilbraz. **Inculturação da fé cristã na religiosidade popular**. Vida Pastoral, n. 289, p. 11-20, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Somos as águas puras**. Campinas: Papyrus, 1994. p.270.

BENINCA, Dirceu. **Uma Diocese chamada Erechim**. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1996.

BERLANDA, Graziela. **As visões de Dorothea Menegon Farina: Religiosidade ou Milagre? 1911 á 1958**, Universidade Regional Integrada- URI Campus de Erechim,2006.

CASSOL, Ernesto. **Histórico de Erechim**. Centro de Ensino Superior de Erechim- CESE, Passo Fundo, Instituto Social Padre Bertrier,1979.

CORREIO RIOGRANDENSE. Caxias do Sul, 28 fev. 1945.

CORRIEIO DO POVO. Porto Alegre, 11 fev. 1945.

COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e anjos (o embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX)**. Tese Doutorado. – Programa de PósGraduação em História. Universidade Federal do Paraná, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. VII.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53-54.

FORTI, M. C. P. **Maria do Juazeiro: a beata do milagre**. São Paulo; Annablume, 1999.

JORNAL VOZ DA SERRA. Nova Friburgo,17 fev. 1946

_____. Nova Friburgo abr. 1956.

MARTINOWSKI, N. **Nossa Senhora de Santa Cruz**. Blumenau: Odorizzi, 2006.

MENEZES, Renata de Castro. **A benção de Santo Antônio e a “religiosidade popular”**. In Estudios sobre Religi3n. N. 16, dez. 2003 p. 1-6.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Expressões religiosas populares e Liturgia**. In Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 172, dez. 1983, p. 909-948.

_____. **Catolicismo popular e mudança social**. CEI Suplemento. Religiosidade Popular. Setembro 1975, n. 12, p. 3-11.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985. 357p

O MUNDO ILUSTRADO. Rio de Janeiro, 22 maio 1957.

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, 18 abr. 1959.

RIBEIRO, André Fabricio. **Cruzada Católica Contra o Espiritismo-1957**, Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS Campus Erechim, 2015.

SILVA, Maria da Conceição. **Política e hegemonia na Igreja Católica**. Goiânia: UFG, 2001.

ANEXO A - Cruz desenhada no quintal da casa de Dorothéa.



Fonte: Acervo do autor (2017) – Erechim/ RS

ANEXO B – Reportagem Jornal; Estranho caso de Dorothéa - Erechim.



Fonte: Revista O cruzeiro (18/04/1959) – Porto Alegre/RS

ANEXO C – Estigmas em Dorothea



Fonte: Revista O cruzeiro (18/04/1959) – Porto Alegre/RS